

Resenha

Book review

FABBRICHESI, R; MARIETTI, S. *Semiotics and Philosophy in Charles Sanders Peirce*. Cambridge: Cambridge Scholars Press, 2006. 209 p.

Maria de Lourdes Bacha

Universidade Presbiteriana Mackenzie/UNIFIEO-SP
mlbacha@superig.com.br

O livro *Semiotics and Philosophy in Charles Sanders Peirce* traz os textos apresentados na Conferência Internacional de Semiótica e Filosofia de C.S. Peirce, realizada em Milão, Itália, em abril de 2005. Segundo a introdução do livro, mesmo estudiosos de Peirce que não estiveram presentes à Conferência também foram convidados a enviar seus *papers*, particularmente os europeus. A intenção foi abranger as reflexões filosóficas em diferentes campos, como lógica, filosofia da matemática, filosofia teórica e análise da linguagem. O livro foi dividido em três partes, além da Introdução.

A Parte I – Semiótica e a Lógica da Investigação – contém quatro capítulos. O capítulo 1, denominado “O Falibilismo contrito de Peirce”, por Nathan Houser, tem como objetivo revisitar o significado e o escopo da doutrina do falibilismo. Houser traz uma revisão da literatura sobre a doutrina do falibilismo, que inclui comentadores como Rescher e Margolis, para em seguida apresentar o que ele chama de “falibilismo segundo Peirce”, com pontos discordantes dos dois autores acima mencionados. O capítulo 2, cujo título é “Semiótica do *continuum* e a lógica do universo”, de Carlo Sini, trata das relações entre a Semiótica e a Cosmologia de Peirce, relações essas cruciais na obra madura de Peirce. O capítulo 3, denominado “Peirce, nomes próprios e apelidos”, de autoria de Giovanni Maddalena, trata da relação entre nomes e objetos. Segundo a autora, que também comenta a vasta literatura sobre o assunto entre os intérpretes de Peirce, a questão relativa a nomes próprios nunca foi concebida como uma teoria definitiva por Peirce, mas seus escritos demonstram a importância que ele atribuía ao tema. O artigo termina com duas sugestões, uma de caráter metafísico, sobre a distinção entre o caráter essencial e o necessário dos apelidos, e a outra historiográfica, tratando da análise do índice genuíno e os ícones nele envolvidos. Esses pontos poderiam ajudar a entender as diferenças entre descritivistas, causalistas, Kripke e Frege. O capítulo 4, “Psicologia e anti-psicologismo em Peirce”, de Rosa M. Calcaterra, discute como Peirce adota um tipo aberto e complexo de investigação, que leva a um projeto final, a metafísica científica. Seu enfoque anti-psicologista considera a lógica em sentido amplo e, dessa perspectiva, como fundador do Pragmatismo, desenvolve sua metodologia na qual a lógica se torna completamente independente da psicologia, resultando no critério metodológico do externalismo.

A Parte II – Abdução e Filosofia da Matemática – é composta por três capítulos. O Capítulo 5, cujo título é “Distinção analítico/sintética e a concepção de matemática de

Peirce”, de Michael Otte, enfatiza que o positivismo e o nominalismo, em geral, preferem métodos sintéticos, mas considerando-se que, para Peirce, a matemática é a ciência que extrai conclusões necessárias, então, diferentemente de Kant ou do Círculo de Viena, dos positivistas, Peirce considera o objeto da matemática como real e representante da realidade dos possíveis. Aqui entra a idéia de raciocínio teorematizado, segundo o qual as provas têm de permitir generalização para se tornarem realmente explicações matemáticas. Também em contraste com as filosofias analíticas, Peirce mantém a relação subjetiva do conhecimento em termos semióticos, envolvendo o processo sêmico. A matemática, para Peirce, leva em conta novas hipóteses e axiomas, pressupondo abdução e verificação, ou seja, o método analítico. O Capítulo 6, intitulado “Exclusividade heurística da abdução na filosofia de Peirce”, de Ivo Assad Ibri, é um dos pontos altos do livro. Professor Ibri discute a possibilidade heurística da dedução no contexto da metafísica, com ênfase para a doutrina do sinequismo. É um texto poético que fala da conaturalidade mente-matéria, do evolucionismo, da explicação peirceana para a evolução das leis da natureza e do isofornismo entre a mente humana e a natureza. Segundo Ibri, para conciliar o realismo como substrato eidético no âmbito da ciência, é que Peirce recorre ao evolucionismo, que permeia as leis da natureza, através dos hábitos de conduta do pensamento. Assim, o evolucionismo trouxe como consequência a identificação do surgimento das leis com uma tendência à aquisição de hábitos, que é uma regra primordial da mente, levando à conjectura sobre uma matriz de substrato eidético para a exterioridade material. Ibri explora com maestria como Peirce propôs à Natureza e às suas leis um caráter evolutivo e não estritamente determinista, que explica a capacidade humana para abdução e a heurística da dedução. No capítulo 7, “Semiótica e dedução: representações perceptuais do processo matemático”, Susana Marietti discute a concepção matemática de Peirce como uma atividade semiótica, enfatizando uma perspectiva ampla, na qual o enfoque geral de Peirce da matemática é uma atividade desenvolvida através de diagramas. Assim, no contexto da distinção entre teoremas e corolários, é possível entender a grande importância atribuída por Peirce à configuração espacial dos signos usados na matemática. Na visão da autora, a possibilidade de reinterpretar relações espaciais, isto é, na sua qualidade material concreta, o diagrama seria a essência da matemática como ciência diagramática.

A parte III, cujo título é Peirce e a Tradição Ocidental, traz outros três capítulos. O capítulo 8, “Reconhecimento reflexivo e identidade prática: Kant e Peirce na disputa reflexiva”, de Vincent Colapietro, argumenta-se que a relação entre Peirce e Kant é bem mais complexa do que muitos estudiosos do pragmatismo normalmente consideram. O texto traz uma revisão da bibliografia sobre esse tema, focando ainda William James, Wittgenstein e Hegel. O reconhecimento reflexivo focaria a extensão da relação do *self* consigo mesmo, relacionado às identificações com os outros, através da conduta deliberada e sensibilidade cultivada, que se mostraria intrinsecamente admirável. Assim, a pessoa suficientemente madura seria capaz de identificar a beleza do caráter porque seria responsável por essa beleza. Claudine Tiercelin é a autora do capítulo 9, cujo título é a “Importância dos medievais na constituição da semiótica e da teoria pensamento-signo de Peirce”. A autora inicia com uma revisão das principais passagens nas quais Peirce faz referência à importância e influência dos medievais em sua obra. O artigo é profundo e complexo, demonstrando a erudição de sua autora e enfatizando não só o realismo peirceano como também a lógica anti-psicologista, a teoria pensamento-signo além do problema da justificação do conhecimento, e finalmente o pragmatismo relac-

onado ao profundo conhecimento que Peirce tinha das obras dos medievais, principalmente Ockham e Scotus. O capítulo final tem como título “Peirce e Platão”, e foi escrito por Rosella Fabbrichesi. Para a autora, os termos “símbolo” e “ilimitado” são fundamentais e permeiam toda a concepção de semiótica de Peirce. O artigo trata de pressupostos e pontos de referência que servem para nortear as ligações entre o pensamento de Peirce e o da filosofia antiga, com ênfase em Platão.

Em resumo, as organizadoras estão de parabéns não só porque o livro atinge os objetivos propostos, pela profundidade e oportunidade dos temas tratados, mas também pela escolha dos colaboradores, que estão entre os principais e mais renomados comentadores de Peirce. Esse livro é essencial para a biblioteca daqueles que estudam a obra desse autor.